FIGURAS DA ESFINGE NA PINTURA DE RAÚL PEREZ

MARIA JOÃO FERNANDES

“ O universo aparece, desde logo, como um discurso sem fim, escrito numa língua esquecida.”

Lima de Freitas – Raúl Perez**.**

A obra de Raúl Perez Perez que aliás recusa a ligação a qualquer movimento. situa-se na proximidade do Surrealismo, ultrapassando-o, pelo enraizamento numa antropologia do imaginário, intemporal, revelando uma visão sociológica do seu tempo. O artista abdica praticamente do elemento mais característico da pintura, a cor. Para o seu mundo, a preto e branco, optou por uma depuração cromática que talvez seja um modo de insistir sobre o essencial. E este essencial é uma demanda, uma descida muito profunda aos oceanos da alma, onde se debatem em busca de uma síntese as pulsões fundamentais de Éros e Thanatos, uma viagem nocturna onde não nos aventuramos sozinhos, pois desde logo sentimos em pano de fundo, não apenas o cenário, mas os mitos de toda uma civilização.

Na pintura de Raúl Perez deslumbramo-nos com o espectáculo de um mundo em metamorfose, asas em equilíbrio instável sobre os portais do mistério, formas imponderáveis, divagações lunares da terra, noite da terra e da alma, pensativas e solenes esfinges, estátuas do ocaso, Édipo nos mil rostos do segredo e da ilusão. Ponto e porto de partida iniciático de prodigiosas visões de um nascimento adiado, subterrâneo e visionário. O humano em claras ou obscuras metáforas de uma inocência antiga e esquecida.

As imagens de Raúl Perez são o cenário de um espanto inicial e fundador do humano. Imagens de uma nitidez de veludo sobre trevas subitamente iluminadas pela seda das formas. Erguem-se as pedras, leves e intensas, e ao centro, a presença sem nome do infigurado que percorre as alamedas de cidades em sombras acesas.

O universo assombroso que hoje se oferece à nossa decifração situa-se e situa-nos na atmosfera sombria dos sonhos da noite. Mundo nocturno iluminado por um

astro ausente cuja luz branca deambula sobre as paredes lisas e os grandes espaços áridos, projectando um halo baço na pele de criaturas viscosas e rastejantes, projectando sombras ainda mais sombrias e rastejantes, que se desfazem como um sopro.

Descida ao oceano de símbolos do inconsciente, e neste âmago a luz acende na pele dos objectos uma claridade turva. Sabedoria das trevas que devolve ao filósofo, reflectida no espelho, em vez do seu rosto, a imagem da morte (“ Le Philosophe” – 1969). No que poderá ser um auto-retrato do artista, o rosto transformado em objecto sobre um pedestal, subvertendo as fronteiraas do animado e do inanimado, sorri enigmaticamente num espaço onírico e teatral, duplica-se recortando-se numa janela, símbolo da transição entre o interior e o exterior, mas em ambos os rostos a noite domina com o seu cortejo de seres larvares e rastejantes (sem título, 1969) de forte conotação sexual.

Num outro desenho a tinta-da-china sobre papel de 1971 a duplicação do rosto faz-se através da imagem reflectida num espelho-mesa com pernas (o inanimado com atributos humanos), que no quadro de uma sexualidade meio grotesca meio animal não reflecte o conhecimento mas lembra uma cerimónia alquímica que não se consumou, acentuando-se a solidão das figuras no espaço labiríntico onde a profundidade de águas sombrias tem uma carga negativa e letal.

Acentua-se a bipolaridade dos símbolos divididos entre as trevas e a luz, a morte e a vida, a terra e o céu, o feminino e o masculino, os sentidos e a razão, com uma vertente cósmica e uma vertente anímica. Bipolaridade que o **andrógino** conota, bem como o alquímico desejo de uma síntese que resgataria a unidade perdida do Ser, a sua inicial comunhão com o Cosmos. A aventura, a viagem aqui empreendida é também de natureza ôntica. O eu dividido fragmenta-se em várias personagens com o mesmo rosto (que ostenta os traços do autor).

Fábricas, mecanismos infernais acompanham a objectualização do humano, as hipérboles, as caricaturas da perda de si-mesmo, perdido o corpo também ou a sua imagem, as fronteiras do humano, do homem e do objecto, do masculino e do feminino, do animal e do humano. As **torres** de castelos ou de fortalezas surgem como o elo de ligação entre o humano e o divino, como a barreira que protege a alma

de perigos exteriores, mas também como abrigo ou ameaçador cenário de perturbadores elementos viscosos, onde o humano fragmentado e incompleto é fantasticamente travestido. Resgatam um sentido mítico original, assombradas por árvores ou pássaros, mergulhadas em oceanos de pedra, aladas, ligando-se aos emblemas dos ciclos de regeneração da natureza, a espiral, os ramos, as folhas. Folhas com olhos, simbolizando conhecimento e clarividência, um conhecimento oculto, do oculto que subtilmente se afirma.

Espaço construído, edificado, vertical, com torres e fortalezas, embora estas edificações sejam do domínio do símbolo, espaço terrestre, horizontal, com crateras, imagem da intimidade do corpo, e abismos, espaço lunar banhado por uma luminosidade leitosa, fugitiva, espaço astral, dos meteoritos, marítimo, com as suas ondas de pedra, aquático com os seus poços subterrâneos, os seus rios, as suas águas petrificadas e espaço aéreo com as suas fitas ondulando sob a acção de um vento estranho, como o fumo que se liberta das chaminés solidificando-se. Espaço do fogo que acende línguas rosadas, fonte de vida e de conhecimento, em pórticos sombrios. Espaço dos quatro elementos que encarnam os "sentidos eternos" do homem, convivendo em uniões paradoxais, petrificados, anunciadores de uma harmonia possível.

Domínio do avesso de uma totalidade permanentemente sugerida, como a operação alquímica, através do **olho** (imagem do conhecimento divino), ou da **árvore**, simbolizando a regeneração cíclica da natureza. Nas pedras ou nos muros, nos ramos de uma vegetação que ascende verticalmente, abrem-se os **olhos** de um conhecimento transcendente ou os rostos de um humano que ainda não achou a sua autêntica face e que simplesmente aguarda o momento da aurora, um novo nascimento, um renascimento ou a ressurreição. Nada parece perdido, ainda. As asas das torres dos sombrios castelos da alma suspenderam o seu voo de pedra. Por baixo destes pórticos sombrios outros pórticos subterrâneos rasgam trevas ainda mais escuras e impenetráveis. Fase negra da alquimia, onde ficou por consumar o casamento do enxofre e do mercúrio, do masculino e do feminino, do Sol e da Lua, da vida e da morte, do Céu e da Terra. Universo maneirista na linha do que a este respeito desenvolve em magistral livro Gustav René Hocke, do homem problemático, da distorsão, do teatro, do carnaval, da identidade dividida, do duplo, da "ideia" e do eu

natural, do dualismo, do ambivalente e do polivalente, dos seres compósitos, da transferência do inanimado para o animado. Mundo das metáforas e do sonho, percebido através de um sonho cheio de terror, do subjectivo, da concordância no seio das contradições, do artificial, do espelho que vem anular a distância entre sujeito e objecto. Distinguindo-se do clássico que aprende a lição de harmonia da natureza e que à ideia, ao mistério, à revelação, à divisão, à deformação opõe a estrutura, o logos, a unidade, a forma. A integração possível destas duas atitudes fundadoras da sensibilidade é possível e também se visiona na obra de Raúl Perez. Mundo lunar, de ilusões, de uma noite que abriga ainda assim no seu seio a semente de um **sol** maravilhososo, num óleo de 1987. Sol de um espírito que resiste às vicissitudes do tempo, que arde sem se ver, fogo imortal que se alimenta da imortalidade, como o amor e como ele é esperança e destino, já anunciado por Dante, de toda uma civilização.